

## ■ NACIONAL

*Economia - Brasil*

# Ajuda pode envolver 16 países e US\$ 42 bilhões

O pacote de financiamento externo para o Brasil deverá alcançar US\$ 42 bilhões, provenientes das organizações multilaterais e dos bancos centrais dos países industrializados, informaram ontem fontes financeiras na Europa, indicando que o anúncio oficial poderá ser feito ainda esta semana.

O total definitivo não estava ainda determinado, em razão de dúvidas sobre a cota do Japão e do Canadá, e também sobre a participação de países como Áustria, Dinamarca e Finlândia que, se confirmada, elevaria para 16 o número de nações envolvidas no financiamento à economia brasileira.

Além disso, os bancos centrais e os governos dos países ricos seguem insistindo na necessidade de que os bancos privados internacionais também participem da operação, garantindo a renovação e o aumento das linhas de crédito ao País.

De acordo com fontes engajadas nas negociações, as instituições multilaterais fornecerão US\$ 27 bi-

Instituições multilaterais devem entrar com US\$ 27 bilhões e as nações industrializadas, com até US\$ 15,2 bilhões

Assis Moreira, de Genebra

lhões, repartidos entre o Fundo Monetário Internacional (FMI), com US\$ 18 bilhões, o Banco Mundial (Bird) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), com US\$ 4,5 bilhões cada um.

A participação das nações industrializadas, que está sendo organizada pelo Banco para Compensações Internacionais (BIS), poderá variar entre US\$ 13,7 bilhões e US\$ 15,2 bilhões. Depende de US\$ 1 bilhão que viria dos bancos centrais da Áustria, Dinamarca, Finlândia e também de Portugal (US\$ 250 milhões cada um).

Além disso, embora um representante japonês tenha anunciado na semana passada que seu país emprestaria US\$ 1 bilhão, a dúvida permanecia ontem se o Banco Central do

Japão aumentaria o montante para US\$ 1,2 bilhão. O mesmo ocorria em relação ao BC do Canadá, cuja cota ainda variava entre US\$ 500 milhões e US\$ 750 milhões.

Os bancos centrais dos quatro grandes europeus — Alemanha, França, Grã-Bretanha e Itália — fornecerão no total US\$ 5 bilhões, ou seja, cada um garante US\$ 1,25 bilhão. É a mesma soma prometida pelo governo dos Estados Unidos, e no total, eles representam dois terços do financiamento.

A Espanha entrará com US\$ 1 bilhão, uma quantia importante que reflete a apreciação que o governo de Madrid tem em relação aos esforços de ajuste econômico no Brasil. Igualmente, os países menores do G-10 — Suíça, Suécia, Holanda e



Pedro Malan

Bélgica — fornecerão cada um US\$ 250 milhões.

O BIS também entrará com US\$ 250 milhões, assumindo um risco raro em sua história. O banco dos bancos centrais, sediado na Basileia (Suíça), não se limita, assim, apenas a procurar o dinheiro que os países industrializados vão colocar à disposição do País.

O financiamento global pelo pra-

zo de três anos estava previsto para ser anunciado hoje, pelos planos originais do G-10. Mas as dúvidas persistiam e não apenas por causa da incerteza sobre a participação de alguns países.

“O G-10 se indagava se devia lançar um comunicado dizendo que empresta sob condição de o setor privado participar ou não anuncia nada até que os bancos concordassem em garantir seu esforço no financiamento para o Brasil”, declarou uma alta fonte financeira europeia, próxima das negociações. O BIS, porém, dava nítidos sinais de contar com um anúncio do pacote ainda esta semana.

Segundo uma fonte bancária em Genebra, “depois do anúncio do acordo o governo brasileiro vai passar a tratar com os bancos privados”. Uma confirmação é que está prevista uma visita do ministro da Fazenda, Pedro Malan, a Frankfurt na segunda e terça-feira próximas, para “amarra” detalhes do financiamento externo.

Os países do G-10 estão de acordo com o programa de ajuste no Brasil e convencidos de que ele será bem sucedido, destacou um importante membro da reunião de domingo passado, no BIS, entre os presidentes dos bancos centrais e de grandes bancos privados da Europa e dos Estados Unidos, com a presença do presidente do BC brasileiro, Gustavo Franco. “Mas não ficou claro o envolvimento do setor privado no pacote do Brasil”, notou a fonte. “Ficou a impressão de que os bancos comerciais não estavam ainda implicados na comunicação com o governo brasileiro”.

“As autoridades brasileiras parecem reticentes a incluir os bancos privados até que saia o acordo com o FMI”, comentou outra fonte na Europa. “A partir da entrega da carta de intenções serão iniciadas as negociações com os bancos privados, e aí se saberá realmente qual será a contribuição do setor”.

Uma terceira fonte lembrou que, na reunião anual do FMI e do Banco Mundial, ficou claro que um pacote para evitar o “efeito dominó” na economia internacional deve contar não apenas com o capital do setor público. “Os bancos privados devem dar sua cota de sacrifício”, insistiu, no mesmo tom dado por representantes governamentais nos últimos dias.

Com relação às condicionalidades do financiamento externo oferecido ao Brasil, as mesmas fontes mantinham extrema prudência, argumentando que o programa com o FMI definirá tudo.

## Guterres intercede pelo Brasil

O primeiro-ministro português, Antonio Guterres, preconizou ontem o apoio dos países ocidentais à estabilização e desenvolvimento do Brasil e da China, de forma a evitarem o “efeito dominó” dos problemas das suas economias no resto do Mundo. Guterres falou na abertura do seminário sobre “O Mercado Fi-

nanceiro global e o euro” organizado pelo Banco de Portugal e que teve início ontem, em Lisboa.

Ele lembrou que Fernando Henrique Cardoso está realizando “uma política econômica e financeira de grande coragem e rigor” e apelou aos países desenvolvidos no sentido de, no seu próprio interesse, ajuda-

rem as “economias emergentes”. Guterres defendeu também um diálogo entre os bancos centrais e os governos que permita a redução nas taxas de juro no conjunto do mundo desenvolvido para ajudar a combater a crise financeira internacional. As informações são da agência Lusa.